

GABRIELA LANZAROTTI CONTRUCCI GARCIA

**ATUAÇÃO DOCENTE E SEUS REFLEXOS NA
PRODUÇÃO DE TEXTOS DE ALUNOS DE 4ª SÉRIE DO
ENSINO FUNDAMENTAL- UM ESTUDO DE CASO**

CAMPINAS-SP

1999

UNICAMP - FÉ - BIBLIOTECA

GABRIELA LANZAROTTI CONTRUCCI GARCIA

**ATUAÇÃO DOCENTE E SEUS REFLEXOS NA PRODUÇÃO DE
TEXTOS DE ALUNOS DE 4ªSÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL-
UM ESTUDO DE CASO.**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado
como exigência parcial para o curso de Pedagogia
com habilitação em Administração Escolar da
Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a
orientação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva**

CAMPINAS

1999

Campinas, 7 de Junho de 1999.

Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus que me deu forças nos momentos mais difíceis durante a execução deste trabalho.

Aos meus pais pela paciência e compreensão.

Ao meu namorado, Celso, pelo seu carinho e confiança.

Ao meu primo, Mário, que cedeu o computador através do qual este trabalho pode ser escrito.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva , aos colegas da Turma/ 95, à professora Roseli Cação Fontana e a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Sumário

Resumo.....	06
Introdução.....	07
Metodologia.....	10
Objetivos.....	12
Fundamentos Teóricos.....	13
O Estudo da Realidade.....	19
Considerações Finais.....	36
Bibliografia.....	38
Anexos : As produções de textos dos alunos.....	40

*A árvore que não dá frutos
é xingada de estéril. Quem
Examina o solo?*

*O galho que quebra
É xingado de podre, mas
Não haveria neve sobre ele?*

*Do rio que tudo arrasta
Se diz que é violento,
Ninguém diz violentas
As margens que o cerceiam.*

Bertold Brecht

Resumo

ATUAÇÃO DOCENTE E SEUS REFLEXOS NA PRODUÇÃO DE TEXTOS DE ALUNOS DE 4ªSÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL- UM ESTUDO DE CASO

GABRIELA LANZAROTTI CONTRUCCI GARCIA

Este trabalho teve início a partir de minha experiência de estágio realizada em sala de aula em uma 4ªsérie de uma Escola Estadual localizada na cidade de Vinhedo-SP. Observando o trabalho com a produção de textos realizado pela professora, notei que esta atividade encerrava-se apenas na proposta da atividade, na execução e atribuição da nota. Neste contexto, muitas crianças apresentavam desinteresse pela atividade, além de não avançarem enquanto escritores.

Surgiram, então, indagações a respeito do papel do professor no processo de produção textual dos alunos que neste caso era apenas avaliativo, não contribuindo para o avanço do aluno ao longo do processo.

É importante o papel do professor durante as atividades de leitura e produção de textos no sentido de analisar como os alunos vêm realizando estas atividades, levando em conta suas experiências prévias a fim de orientar-lhes e complementar seus conhecimentos. Neste sentido, o professor é um orientador, levando seu aluno a tornar-se um usuário da língua escrita e não um juiz sendo a nota considerada o objetivo final.

Optei por um estudo de caso baseado na observação e registro em diário de campo bem como na participação em atividades com as crianças. Num primeiro momento faço uma breve descrição do contexto escolar, relatando o ambiente em que vivem os sujeitos da pesquisa e num segundo momento mostro o trabalho com a produção de textos que a professora da classe realizava com as crianças e, posteriormente, analisando e discutindo os dados coletados, proponho alternativas para que o trabalho com a produção de textos seja mais prazeroso e produtivo.

Através dos dados analisados nesta pesquisa, percebemos que a produção de textos pode ser algo agradável para os alunos mas que dependerá muito da atuação do professor ao longo desse processo.

INTRODUÇÃO

Foi a partir de minha experiência de estágio, realizada no ano de 1997 em uma quarta série de uma escola pública, que surgiu o interesse pelo estudo da relação do professor com o processo de produção de textos dos alunos.

Durante as aulas, pude observar que o trabalho com a produção de textos encerrava-se apenas no desenvolvimento de um tema determinado pela professora, na realização silenciosa da atividade e na atribuição de uma nota para o texto produzido.

Notei que as crianças apresentavam certo desinteresse pela atividade e que cumpriam a tarefa apenas para alcançar uma nota.

Ao conversar com a professora, ela comentou que os alunos tinham muita dificuldade em escrever, mas não apontou quais eram as dificuldades que, segundo ela, levavam os alunos a tirar notas baixas em suas redações.

A partir disso, surgiram indagações a respeito do papel do professor durante o processo de produção textual dos alunos. Neste caso, seu papel era apenas “avaliativo” e dava ênfase ao produto, o que não contribuía para o avanço do aluno ao longo do processo de aprendizagem da escrita.

Ao receber simplesmente uma nota, o aluno não tinha chance de entender o que havia de errado no texto e uma nota baixa muitas vezes o levava ao desânimo ou ao conformismo do “não saber escrever”.

Matencio (1994) coloca a importância do papel do professor durante as atividades de leitura e produção de textos no sentido de analisar como os alunos vêm realizando estas atividades, levando em conta suas experiências prévias a fim de orientá-lhes e complementar seus conhecimentos.

Observamos que a produção de textos na escola tem sido tratada como uma simples tarefa, como um fim em si mesma, onde a

grande preocupação centra-se na forma, não levando o aluno a refletir sobre a realidade em que está inserido.

Através deste trabalho, procuro entender a relação entre a atuação do professor e a dificuldade que crianças encontram na fase da produção de textos. Além disso, busco, através da bibliografia consultada, compreender as possíveis conseqüências, para os alunos, de uma atuação equivocada por parte dos professores.

Partindo de uma concepção dialética da escrita, entende-se esta como o diálogo do sujeito com o objeto, que se dá através da conceituação.

Jantsch (1996) nos lembra que o ensinar a escrever não pode centrar-se apenas na motricidade e na forma, mas deve ser assumido como um processo de abstração, que leva à reflexão da realidade, à interpretação e à produção. Neste contexto, a escrita deixa de ser vista como uma “coisa” e passa a ser vista como atividade, tornando-se uma prática social uma vez que intervém na realidade.

Ao observar o modo como a produção de textos tem sido tratada por professores e alunos, percebe-se que esta tem sido incluída como parte da avaliação, reduzindo os textos a simples “fotografias” dos temas solicitados pelo professor, ou seja, não há crítica, não há reflexão sobre a realidade, há simplesmente a atividade mecânica centrada na forma.

Evangelista (1996) considera essencial que se ultrapasse esta fronteira e que o professor crie condições para que o aluno desenvolva competência na esfera da escrita.

Para isso, antes do professor atribuir uma nota aos textos de seus alunos e apontar “quem sabe escrever bem” e “quem não escreve” cabe a ele refletir sobre os problemas existentes nos textos a fim de auxiliá-los, levando-os a melhorarem suas produções escritas.

Da forma como tem sido mantida a relação do professor com o processo de produção de textos dos alunos, acredito que as crianças têm encarado a redação como algo penoso, que são incapazes de

realizar,não tendo nenhuma possibilidade de crítica da realidade, nem acesso ao poder que a escrita pode representar.

Diante deste fato, procuro relatar alguns episódios ocorridos em minha experiência de estágio no que diz respeito a atuação do professor ao longo do processo de produção de textos.

METODOLOGIA

Os princípios metodológicos norteadores deste trabalho, foram baseados no estudo de caso, que se enquadra em uma abordagem qualitativa de pesquisa, envolvendo a participação do pesquisador na realidade estudada. Este estudo foi desenvolvido em sala de aula com alunos de 4ª série em uma escola pública localizada em Vinhedo- SP.

A escolha do grupo deveu-se ao fato de que os alunos de 4ª série já foram alfabetizados e já possuem alguma experiência no que diz respeito a escrita e, dessa forma, poderia delimitar meu trabalho a fim de analisar o papel do professor na organização das idéias para a formação do texto, bem como o aperfeiçoamento do aluno enquanto escritor.

Este estudo de caso foi baseado na observação e registro em diário de campo, bem como em minha participação em atividades com as crianças e análise do material produzido por elas.

A observação, segundo Ludke e André (1986), ocupa um lugar privilegiado na pesquisa educacional, pois possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado.

A análise da produção das crianças aproxima-se dos procedimentos de análise documental que segundo Ludke e André ***“...pode ser uma técnica valiosa na abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.”(p.38)***

Este trabalho está dividido da seguinte maneira:

- Num primeiro momento, faço uma breve descrição do contexto escolar, relatando o ambiente em que vivem os sujeitos da pesquisa;
- Num segundo momento, mostro o trabalho com a produção de textos que a professora da classe realizava com as

crianças e, posteriormente, analisando e discutindo os dados coletados, proponho alternativas para o trabalho com a produção de textos, de forma que esta atividade seja mais prazerosa e produtiva

OBJETIVOS

Partindo do princípio de que ao escrever o aluno se ocupa da realidade, interpretando-a e produzindo-a, e que a produção de textos é uma prática social, este trabalho tem como objetivo principal analisar a forma como a produção de textos tem sido tratada na escola e qual tem sido a atuação do professor nesse processo.

Além disso, procuro lançar uma nova proposta para o ensino da escrita nas séries iniciais do primeiro grau e de que forma o professor pode atuar para que se forme um aluno participativo, capaz de interpretar a realidade em que está inserido. Procuro, também, propor formas para que este processo seja mais agradável e traga prazer para os alunos.

Desta forma, o presente trabalho procura analisar as seguintes questões :

- Qual deve ser o papel do professor durante o processo de produção de textos dos alunos?
- Por que muitas vezes as crianças apresentam desinteresse nas atividades de produção de textos?
- De que forma a produção de textos pode ser algo prazeroso para os alunos?

Procuro, portanto, buscar respostas a fim de entender o papel do professor no processo de produção de textos dos alunos e procurar formas para que este processo seja agradável , produtivo e significativo.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A relação entre o ensino da leitura e escrita na escola e o desenvolvimento dos alunos após anos de escolarização é uma discussão bastante comum em encontros de profissionais da educação e que a avaliação feita é que “os alunos não sabem ler e escrever”.(Matencio,1994)

Segundo Geraldi (1984), a forma como produção de textos é apresentada na escola foge do uso da língua, ou seja, os alunos escrevem somente para o professor que, na maioria das vezes, lê e atribui uma nota. Isso torna o emprego da língua totalmente artificial, levando o aluno a se desinteressar pela atividade já que há uma grande distância entre a realidade e o que é proposto pela escola.

Os temas propostos para redação são quase sempre repetitivos (“Minhas Férias”, “Meu Fim de Semana”, “Escreva sobre determinado assunto:”), tornando as aulas um martírio tanto para alunos como para professores. A língua escrita acaba sendo utilizada somente para fins escolares com um único objetivo: avaliar “erros e acertos” dos alunos.

Segundo Matencio (1994):

“A função primeira (e esperada) da escola seria, para grande parte dos educadores, propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendessem, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos assim como de possibilitar que os alunos atuassem criticamente em seu espaço social”(1994:15)

Cabe ao educador criar situações para que o aluno se transforme em um usuário da língua escrita.

Há uma grande preocupação por parte dos educadores com a transcrição de signos lingüísticos. No entanto, a prática da produção de textos é muito mais do que isso.

Considero a produção de textos uma atividade dialógica, ou seja, é através dela que o aluno poderá dialogar com as pessoas, demonstrando sua visão de realidade.

Dessa forma,

“Ensinar a escrever é ensinar a pensar e a criar, é conceituar, de modo a se poder apropriar-se da realidade, interpretando-a e produzindo-a.” (Jantsch,1996:46)

Nesse sentido, a escrita não pode ser considerada uma tarefa mecânica já que, nesse contexto, ela passa a ter a capacidade de intervir na realidade e de produzir novas realidades.

Os textos escritos contêm a expressão da relação entre o escritor e o objeto do qual ele escreve e, para que sejam lidos por outras pessoas, devem obedecer a certas regras a fim de que a escrita exerça sua verdadeira função que é a de veicular um conteúdo numa modalidade de registro que supere os limites espaço-temporais que são impostos à oralidade. (Klein,1996)

Para que a escrita tenha a função de veicular um conteúdo, de transmitir um pensamento, há que se considerar que os textos dos alunos devem ter um outro fim que não a “pasta de trabalhos” ou o “fundo da gaveta”. É imprescindível que seus trabalhos sejam lidos e interpretados por outras pessoas. Dessa forma, o fato de o professor corrigir erros ortográficos, gramaticais, a forma do texto, seria coerente com o objetivo final que seria transmitir idéias aos colegas, aos professores, aos pais ou a quaisquer membros da comunidade.

Portanto, a criança deve entender que precisa ter um certo cuidado com o código, já que o conteúdo que ela escreveu só será

preservado se forem preservadas as convenções estabelecidas pela língua escrita.

Ao preocupar-se unicamente com a forma, o educador não deve esquecer-se do verdadeiro objetivo das produções de textos e para isso deve refletir se está propiciando ao aluno a possibilidade de expressar-se e comunicar-se, se está transformando-o em um usuário deste tipo de linguagem.

Segundo Geraldi (1984), os professores querem que seus alunos escrevam mas, na verdade, não criam condições para tal.

Quando se fala em criar condições para que os alunos escrevam, devemos levar em consideração todo o planejamento, desde a proposta da atividade. Muitos professores simplesmente lançam o tema e solicitam: “Escreva sobre isso”. Há que se considerar que muitas crianças não têm acesso a modelos de textos como jornais, revistas, livros e isto deve ser trabalhado, colocando a criança em contato com a maior diversidade possível de textos. Não basta solicitar aos alunos que escrevam sobre suas férias, as eleições, o carnaval ou qualquer outro tema que o professor considere atual; é importante que o aluno primeiramente tenha contato com modelos a fim de entender a estrutura de cada tipo de texto.

Dessa forma,

“O modelo cumpre um papel fundamental no processo de aprendizagem. Toda liberdade de criação é fruto do domínio da estrutura básica de um objeto, que será transformado (o modelo). Todos os grandes nomes que revolucionaram algum aspecto do conhecimento começaram por dominar um modelo - e exatamente por isso foram capazes de construir outro (...) Para ser um grande poeta que brinca com as

palavras, é preciso conhecê-las na sua essência. Para fazer uma carta criativa, também é preciso conhecer a estrutura que lhe corresponde.”(CENP,1993, p.83)

Para que o aluno dê estes passos, é necessário a intervenção do educador no processo a fim de preparar os alunos para escreverem cada vez melhor. (CENP,1993)

Dessa forma, o educador precisa orientar os alunos em suas produções de textos, indicando o gênero que será utilizado. Sendo assim, ao restringir a atividade ele estará orientando o aluno no sentido de levá-lo a produzir um texto de qualidade superior. Do contrário, a criança acaba se preocupando com muitas coisas ao mesmo tempo como ortografia, estrutura do texto e conteúdo.

Portanto, ao colocar para os alunos “Redação: Tema Livre”, o educador deve refletir sobre os reais objetivos da atividade.

Muitas vezes acontece que

“... com medo de restringir demais acabamos por propor tarefas extremamente abertas. É o caso das redações com tema livre. A professora acredita que “se é livre, aberto”, é mais fácil e permite que o aluno desabroche sua criatividade. É um equívoco. (...) Restringir do ponto de vista cognitivo, não significa colocar limitações, mas sim viabilizar o avanço.(...) para se chegar a ser um grande autor, músico ou pintor, é preciso dominar os conhecimentos básicos característicos de cada área do conhecimento.”(CENP,1993,p.109)

Nosso objetivo enquanto educadores é que nossos alunos venham a ser bons escritores, mas, para que isso aconteça, devemos considerar o patamar em que cada aluno se encontra para que possamos selecionar atividades para que eles avancem.

Segundo Matencio(1994):

“Valorizar a escrita no que diz respeito ao seu processo de desenvolvimento implica também em focalizar as diferentes etapas de produção: plano de organização, rascunho, reestruturação e revisão. Alguns alunos detêm-se mais em uma etapa, outros são mais rápidos. Neste caso, o professor deveria monitorar e assessorar seus alunos, segundo a dificuldade específica que eles tenham, nas diferentes etapas de produção de textos. Por esse motivo é crucial que o professor seja um produtor de textos.”(p.107)

Dessa forma, a avaliação passa a ser um instrumento de que o professor faz uso a fim de verificar o quanto cada aluno avançou e o quanto ainda precisa avançar.

É comum encontrarmos numa classe um aluno que já domina os conhecimentos trabalhados e não avança durante o ano todo e outro que, apesar de não ter atingido o produto esperado, avançou muito em relação ao que já sabia.

Ao avaliar estes alunos, devemos levar em consideração as conquistas, os avanços e não simplesmente focalizar o produto. É através da avaliação que o professor poderá detectar o

que a criança sabe e, através dela, aproximar-se do seu aluno a fim de completar seus conhecimentos. Digo completar, pois

“A leitura e a escrita realizada pelos alunos é orientada não apenas pelo processo de escolarização, mas também pela experiência prévia e/ou exterior à escola”.(Matencio,1994)

Focalizando o processo de produção de textos sob este aspecto, percebemos que o crescimento do aluno depende muito da atuação do professor junto ao aluno e este pode chegar a ser um bom escritor através das atividades de ensino.

O ESTUDO DA REALIDADE

As crianças observadas nesta pesquisa eram alunos da 4ª série de uma escola pública localizada na periferia do município de Vinhedo-SP. A grande maioria não tinha acesso a livros, revistas ou jornais em sua casa e, portanto, tomava contato com este tipo de material somente na escola.

O estágio foi realizado no ano de 1997: no primeiro semestre restringiu-se a observação da prática da professora da classe bem como na análise desta prática.

No segundo semestre, realizei o estágio de atuação onde me propus a interferir no processo de produção textual, construindo um caminho que consistiu no aperfeiçoamento dos alunos enquanto produtores de textos, bem como num trabalho mais prazeroso com a escrita. Além disso, procurei observar o quanto minha atuação enquanto educadora poderia ser importante para proporcionar crescimento aos alunos, o que não vinha acontecendo no primeiro semestre.

1º semestre de 1997

1ª aula:

Ao entrar na sala de aula, a professora distribuía algumas folhas de papel almaço para as crianças. Solicitava, então, que eles escrevessem uma notícia que achassem interessante. Em seguida disse que uma notícia deveria ter:

- Dia em que aconteceu;
- Como aconteceu;
- Onde aconteceu;
- Com quem aconteceu.

Enquanto as crianças se ajeitavam em seus lugares e ainda retiravam seu material da mochila, a professora permanecia conversando com outra professora na porta da sala de aula.

Alguns alunos estavam inquietos, discutiam com os colegas que não sabiam que notícia poderiam fazer. Percebi que havia um grande desinteresse por parte das crianças e muitos vinham pedir minha ajuda. Alguns alunos comentavam que escreveriam sobre um traficante que foi preso em Vinhedo, outros falavam que queriam escrever sobre os Sem- Casa.

Enquanto as crianças tentavam escrever, a professora saía da classe, o que demonstrava que aquela atividade era como uma forma de manter as crianças quietas enquanto ela cuidava de outros problemas.

Muitas crianças brincavam e faziam outras coisas que não a atividade. Percebi, então, que elas não estavam motivadas para a realização da atividade; além disso, muitos não sabiam como seria uma notícia escrita, já que não tinham acesso a revistas e jornais. O

único modelo que havia sido apresentado era seguinte notícia contida no livro didático utilizado:

A LUA NO BOLSO

Exatamente às 23 horas, 56 minutos e 31 segundos (hora de Brasília), o comandante Neil Armstrong tocou o solo da Lua, descendo pela cabine do Módulo Lunar, 6h33 depois de ter pousado na superfície do satélite natural da Terra. “A porta está se abrindo”- disse Armstrong às 23h39. Um minuto depois o astronauta vislumbrava diretamente a superfície da Lua. Lentamente, com movimentos extremamente seguros, começou a descer a escadinha do módulo, pisando sempre com o pé esquerdo. Quando alcançou o segundo degrau, a televisão começou a transmitir diretamente da Lua para a Terra, focalizando perfeitamente o astronauta. Já sobre o solo lunar, Armstrong afastou-se do módulo e começou a executar suas primeiras tarefas, tornando realidade um sonho milenar do homem.

Diante disso, a desmotivação era também proveniente da falta de conhecimento do gênero a ser utilizado, bem como do modo como a professora propôs a atividade.

Para crianças que não têm contato com este tipo de texto, o interessante seria que ela apresentasse inúmeros modelos em jornais e revistas de modo que elas se familiarizassem com este tipo de texto, depois poderiam conversar com a professora e os colegas sobre coisas que aconteceram na escola, na sala de aula, na rua, no bairro, em casa e assim, poderiam escrever as suas notícias, coisas que aconteceram em sua comunidade, demonstrando seu ponto de vista e

tendo oportunidade de conhecer o de seus colegas. Neste sentido, a escrita teria uma função para estas crianças.

A professora depois recolheu os textos dos alunos, corrigiu-os e os entregou na outra aula para que guardassem em suas pastas.

Aqui percebe-se que estes textos tiveram um fim em si mesmo. Alguns alunos viram seu trabalho todo rabiscado de vermelho e apenas uma nota no alto da página. Notando isso, perguntei a mim mesmo:” Como eles saberão em que precisam melhorar?” Não há por quê melhorar. Quem mais vai ler estes textos?

O educador, neste processo, torna-se um juiz e não um orientador, criador de condições para que o aluno venha dominar a língua escrita. Quando dizemos dominar a língua escrita é importante lembrar que:

“Saber escrever não é só fazer ditados com todas as frases e palavras certas. Isso é apenas o comecinho do processo. Nossa obrigação de professores é gerar adultos que tenham livre trânsito no mundo da escrita: saibam usar as palavras certas nas ocasiões certas, dominem as regras de cada tipo de texto, encontrem prazer na relação com o texto, como libertador do pensamento.”(CENP,1993,p.47)

Neste sentido, o educador tem grande responsabilidade no desenvolvimento de seus alunos e necessita ter clareza em seus objetivos ao propor certas atividades. Além disso, ele precisa ver se está oferecendo condições para que os alunos tenham um bom desempenho.

2ª AULA:

Ao entrar na sala de aula percebo que as crianças comentam sobre o passeio ao circo que realizaram no dia anterior.

Os comentários eram diversos: sobre os trapezistas, o macaco, o palhaço, o leão, até sobre o tamanho do circo.

Percebendo a euforia das crianças, a professora começou a conversar com eles sobre o que mais gostaram, que atração não havia no circo e que eles gostariam que tivesse, sobre o que não gostaram, etc. As crianças entusiasmavam-se cada vez mais.

Aproveitando este momento, ela sugeriu que as crianças escrevessem para ela o que mais gostaram no circo e contassem como foi a ida ao circo.

Percebi que as crianças sentiram-se bastante motivadas, pois era um assunto que elas mesmas estavam querendo comentar, era algo significativo para elas. Elas tinham vivenciado e estavam sentindo vontade de conversar sobre o assunto. Enquanto escreviam, continuavam a comentar com seus colegas sobre o que tinham observado.

Um dos fatores a que se deve o grande sucesso desta aula, foi a forma como a professora propôs a atividade, partindo de um assunto do interesse das crianças. Além disso, ela conversou bastante com eles antes que solicitasse que escrevessem a respeito, o que os deixou ainda mais à vontade.

Nesta observação, percebemos uma mudança de postura da professora em relação a sua aula anterior, ao invés de simplesmente lançar a atividade, ela partiu de um assunto do interesse dos alunos, discutiu com eles a respeito levando-os a se interessarem ainda mais pelo tema. Além disso, proporcionou o diálogo entre todos, a troca de

idéias, tornando aquele momento agradável para todos, despertando nos alunos a vontade de se expressar.

3ª Aula

Neste dia, a professora solicitou aos alunos que fizessem um anúncio a respeito de algum produto. O modelo apresentado foi o texto do livro didático, onde constava três anúncios a respeito de animais:

Cães: Adestramento a domicílio. Ligue para Rubens: 971-00001

Realize um sonho...Leve um cão para casa.
Tenho qualquer raça com pedigree. Envio para todo o Brasil.

Tenha segurança em casa
Vendo cão treinado.
Ligue para Canil Teixeira:198-9922

O resultado foi que 90% das crianças realizaram anúncios sobre animais, pois os modelos apresentados falavam somente disso. A professora não apresentou modelos reais de anúncios contidos em

jornais, revistas, panfletos a fim de que os alunos pudessem discutir previamente as características desse tipo de texto, observando que anúncios podem ser de várias coisas .

Além disso, mais uma vez a professora não acompanhou o processo de produção das crianças. Permaneceu em sua mesa lendo, sem interferir em momento algum. O que percebi é que a atividade era mais uma tarefa a ser cumprida. Muitos alunos copiavam um dos outros e diziam já ter terminado, o que demonstrou o total desinteresse pela atividade. Como da primeira vez, os textos foram parar na pasta e nenhum aluno leu seu anúncio aos colegas nem houve qualquer exposição. Conforme Geraldi (1984), precisamos dar aos textos de nossos alunos outro fim que não o cesto de lixo.

Percebe-se que a produção do anúncio funcionou somente para cumprir mais uma tarefa escolar, um “escrever por escrever”.

Para Evangelista(1996):

“Não raramente, os trabalhos escritos pelos alunos se configuram como formas destituídas de vida, seja pelo ritual avaliativo mecanicamente cumprido por eles, seja pelo descaso com que são tratados por quem os solicita.”(176: 1996)

Não acredito que a produção do anúncio tenha levado os alunos realmente à compreensão das características deste tipo de manifestação escrita já que não houve discussão a respeito nem lhes foi apresentado modelos reais de anúncios.

Outro ponto a ser discutido é o fato de que o aluno não avançou em relação aos conhecimentos que já possuía a respeito da linguagem dos anúncios, não teve a oportunidade de refazer seu

texto, de discutí-lo com seus colegas, de detectar os pontos que deveria modificar.

Para que haja avanço por parte dos alunos, a atuação do professor é essencial desde a proposta da atividade até a avaliação, mas para que isto ocorra,

“A professora precisa ter claro seu objetivo ao propor determinada atividade, prever as dificuldades que ela apresenta e oferecer o suporte necessário para que seus alunos atinjam um bom desempenho (...) Quanto mais consciência e clareza (...) tiver ao escolher as estratégias que vai utilizar em sala de aula, mais chances terá de fazer seus alunos avançarem.” (CENP,1993:48)

Dessa forma, entendemos que cabe ao educador aproximar o aluno do conhecimento, criando estratégias para proporcionar este encontro,

4ª Aula

Neste dia, a professora trouxe para a classe o livro: **Marcelo, Marmelo, Martelo,** de Ruth Rocha. A história fala de um garoto chamado Marcelo que vivia questionando sobre os nomes que os objetos tinham . Passou, então, a inventar outros nomes para as coisas o que resultou numa tremenda confusão, pois ninguém mais se entendia.

Após ler a história para as crianças, a professora questionou os alunos sobre como seria o mundo que cada pessoa inventasse um nome para o mesmo objeto. As crianças logo disseram que ninguém iria se entender, que o mundo ia virar uma bagunça.

Ao término da discussão, a professora sugeriu que as crianças inventassem nomes diferentes para as coisas para que os colegas tentassem descobrir de que objeto se tratava. As crianças divertiram-se muito com a brincadeira .

Depois disso, a professora voltou a conversar com a classe sobre a história e os alunos foram contando o que tinham entendido sobre as partes do livro. Então, a professora sugeriu que eles contassem com suas palavras o que haviam entendido da história.

Percebemos aqui que a professora possibilitou a discussão oral, através da qual cada criança pode colocar seu entendimento da história, além disso antes de solicitar a produção de texto, conversou bastante com os alunos sobre a história, o que levou-os a vontade de discutir, de contar novamente a história, colocando a sua opinião.

Nesta aula pude notar que as crianças realizaram a atividade tranquilamente, demonstrando interesse e vontade.

UM CAMINHO A SER SEGUIDO

-Olha que legal! - exclamou a criança ao se deparar com um livro que contava a história de um ratinho através de uma sequência de imagens.

As crianças amontoaram-se para ver o que causara tamanha admiração no colega. Pareciam apaixonar-se pelo pequeno livro que, sem nenhuma palavra fazia seus olhinhos correrem a fim de entender a historinha que ali era contada.

De repente, uma pausa:

-Será que vocês terão que voltar para a primeira série para aprender a ler? Vocês têm que pegar livros com desenhinhos, não sabem ler? - disse a professora.

As crianças constrangidas devolveram o livrinho na prateleira.

(Diário de Campo/ 1997)

A partir do episódio acima pude traçar o caminho a ser seguido em meu estágio que até o momento restringia-se a observação.

Diante deste fato, percebi a paixão das crianças pelo livro, as discussões sobre o que teria ou não acontecido com o ratinho. Era um momento mágico que infelizmente foi destruído. Dessa forma, pude iniciar minha atuação no estágio, partindo de histórias, personagens ou fatos que as crianças demonstrassem interesse para que elas produzissem suas próprias histórias.

Inicialmente, meu objetivo foi partir de um livro similar, mas que fosse novo para eles e que causasse impacto e admiração, curiosidade e paixão pela história.

O livro escolhido foi Ida e Volta de Juarez Machado - uma narrativa composta de imagens, aberta à participação e imaginação do leitor.

Primeiramente, mostrei o livro a eles página a página a fim de que lessem a história, apreciando-a, sentindo-a, imaginando-a. A pedido dos alunos vimos o livro muitas vezes. Eles sorriam, pensavam e o momento mágico novamente acontecia, eles estavam apaixonados e eu também: eles pela história e eu por eles.

As discussões não tardaram a acontecer:

“- Ah! Eu acho que ele é um ciclista!”

“- Não! Olha só, mais parece um detetive.

“- Será que aquela velhinha é namorada dele?”

A partir destas discussões, pedi a eles que escrevessem a sua história do “Ida e Volta”, falando sobre dia-a-dia do personagem, quem era ele e o que fazia.

Muito empolgados, eles pediram para ver o livro novamente e me perguntavam o que eu achava, sobre quem era o personagem, enquanto começavam a escrever as primeiras palavras. Eu podia sentir que aquilo não era um momento obrigatório em que deveriam escrever sobre determinado tema. Era algo significativo para eles; sentiam prazer em fazê-lo.

Ao ler a produção das crianças, deparei-me com textos muito criativos e coerentes. O que me incomodava eram os erros ortográficos e a falta de pontuação. Quanto aos erros ortográficos, pude notar que muitos aconteciam pelo fato das crianças escreverem como falam, outros advinham de dúvidas que tinham em como grafar determinada palavra (s ou z, por exemplo) e escreviam sem procurar a forma correta.

O que fazer diante disso?

***“... Já vimos que saber ortografar não se adquire ao aprender a escrever alfabeticamente. Além de requerer aprendizagem sistemática, o êxito em ortografia está influenciado por características próprias das palavras- como a regularidade e a frequência do uso- na norma ortográfica da língua.”
(Morais,1995:69).***

Portanto, eles só poderiam aprender a norma ortográfica escrevendo e corrigindo, tendo contato com a forma “correta” de escrever determinada palavra.

A partir disso, destaquei as palavras com erros ortográficos, reescrevi-as grafadas corretamente e solicitei a eles que relessem o texto a fim de que eles mesmos corrigissem a pontuação.

Depois disso, eles passaram o texto para outra folha, corrigindo as palavras e pontuando corretamente.

Como eu havia sugerido que eles fizessem um livro, expliquei que num livro não pode haver erros, pois muitas pessoas vão ler e podem não entender. Muitas vezes falamos de uma forma, mas ao escrever existem regras, senão cada um escreveria da sua maneira e ninguém entenderia nada.

Refletindo neste sentido, Klein (1996) afirma:

“O conteúdo só se preserva, no texto escrito, na medida em que se preservam as convenções estabelecidas por esta modalidade de linguagem (...) Falseia-se, também, a imagem de escrita, quando se subestima a importância do código enquanto possibilidade de produção de sentido.”(1996:103)

Não há como deixar de lado o código e preservar o conteúdo. É preciso que haja a coexistência de ambos para que a escrita exerça sua verdadeira função. Nesse sentido é que caminhei com as crianças, colocando a importância de escrever corretamente mas não desprezando o conteúdo.

A motivação da classe se manteve e as crianças empolgaram-se em montar o próprio livro, em deixar sua “marca” através da escrita.

Nos momentos em que eu percebia que algum aluno parecia se desmotivar, lembrava que produziriam um livro e que ele ficaria muito bonito, que outras pessoas iriam ler, então seu

comportamento modificava-se totalmente e eles voltavam a interessar-se pela atividade. Percebiam que aquela atividade “escolar” tinha um fim, um sentido para eles, um sentido que traria muita alegria e prazer e, nesta medida, eles buscavam-na entusiasmados.

Ao escrever sem existir um porquê, uma finalidade para a sua produção, os alunos acabam desmotivando-se, já que tudo o que ele faz é apenas um exercício para um dia vir escrever bem.

Através da montagem deste livro, creio que descobrimos um dos caminhos para conseguir o prazer de produzir textos que não ficariam guardados no armário da professora mas seriam lidos, “saboreados” por outras pessoas, seriam valorizados. Não encerrariam-se em si mesmos, mas provocariam a admiração de outras crianças.

2ª aula:

Nesta aula, propus uma outra atividade: partindo de um texto escrito solicitei que eles contassem a mesma história através de imagens, de forma que se alguém visse estas imagens pudesse contar a mesma história.

O livro escolhido foi Faca sem Ponta, Galinha Sem Pé, de Ruth Rocha. A história fala sobre os papéis de homem e mulher na sociedade bem como sobre as dificuldades de se adaptarem às funções que o meio social impõe.

Conta a história de dois irmãos: Joana e Pedro, pertencentes a uma família onde os próprios pais, Seu Setúbal e Dona Brites, cobram deles papéis de menino e menina. A menina deve ser delicada e boazinha e o menino deve ter uma postura de homem forte, que não chora, que não apanha.

Durante a história, entre muitas brigas, os dois irmãos passam embaixo de um arco-íris e invertem os papéis. Joana vira homem e Pedro vira mulher, o que mostra que mesmo mudando de sexo, os

personagens percebem que homem também tem vontade de chorar e mulher também pode ter vontade de jogar bola.

No final, eles passam novamente por baixo do arco-íris e voltam a ser o que eram antes.

Após ler a história, discutimos um pouco a respeito das relações de homem e mulher na sociedade. As crianças deram suas opiniões a respeito. Uns concordavam que menina deve se comportar de forma delicada e não brinca com as brincadeiras de menino, já os meninos devem ser fortes. Outros achavam que não, que todos poderiam fazer o que quisessem.

Ao produzir uma história através de imagens, os alunos exercitaram um outro tipo de linguagem e perceberam o quanto é difícil comunicar-se através dela.

Mais uma vez, o trabalho não se encerrou aqui. Perguntei aos alunos se eles gostariam de produzir o seu livro Faca Sem Ponta, Galinha sem Pé, a classe mais uma vez se entusiasmou.

Para que o livro não ficasse igual ao outro, mudei o material. Construímos um livro gigante, onde a capa era uma folha de cartolina e suas folhas do mesmo tamanho nas quais os alunos colaram suas histórias. Eles se empolgaram tanto com o livro que me perguntavam como seria o próximo.

3ª aula:

Aproveitando as discussões acerca dos papéis de homens e mulheres na sociedade, propus a eles que escrevessem uma carta para um dos personagens da história. Relembramos os nomes dos personagens e seus papéis na história. Nesta carta, eles deveriam estar colocando suas opiniões a respeito dos papéis de ambos os sexos na sociedade.

Relembrei, também, a estrutura de uma carta. Durante a atividade, percebi mais uma vez que eles estavam bastante motivados para escrever. A história havia mexido com eles, eles queriam dar sua opinião, tinham vontade de falar com os personagens, de colocar a sua posição a respeito.

Dessa forma, os alunos tomaram contato com um outro tipo de texto de uma maneira não artificial. Seria inútil se eu chegasse na classe e propusesse que eles escrevessem uma carta para qualquer pessoa que quisessem.

Como sempre, li as cartas, grifei as palavras com erros ortográficos e lhes devolvi a fim de que procurassem a forma correta, reescrevendo seu texto. Além disso, lembrei-lhes que estava faltando pontuação e pedi que relessem sua carta, pontuando se necessário.

No final, fizemos uma apresentação - alguns alunos leram sua carta para os colegas. Muitas crianças quiseram apresentar e tive que solicitar à professora um pouco mais de tempo.

Este texto também foi para o livro “Faca Sem Ponta, Galinha Sem Pé”, construído pelas crianças.

4ª aula:

A fim de continuar no caminho da produção de textos e manter a motivação da classe, resolvi buscar subsídios para trabalhar com temas que fossem do interesse das crianças. Dessa forma, ao invés de fazer uma entrevista sobre o que eles gostavam, resolvi propor uma redação na qual eles falariam de seus gostos sobre músicas, cantores, brincadeiras, programas de TV, personagens de quadrinhos, livros e esporte.

Eles ficavam muito entusiasmados e conversavam entre si. Cada um queria falar para os amigos do que mais gostava. Então propus que eles escrevessem e depois lessem para a classe.

A partir deste diagnóstico, pude conhecer um pouco mais os alunos e traçar novos caminhos para que eles continuassem a crescer como produtores de textos e continuassem sentindo prazer em realizar esta atividade.

Para que a redação que eles tinham escrito não se encerrasse ali, num outro momento solicitei que eles ilustrassem seu texto. Lembrei-lhes que a ilustração deve ter alguma relação com o texto e dei o exemplo do livro que tínhamos lido. Neste dia, levei uma caixa com lápis de cor e giz de cera para que eles colorissem seus desenhos.

5ª aula: Traçando novos caminhos

Através da leitura dos textos, pude perceber que a maioria das crianças gostava muito dos personagens da Turma da Mônica. Dessa forma, recortei algumas tiras de quadrinhos de jornais, distribuí uma história por aluno (todas diferentes) e pedi a eles que dessem um título e contassem aquela história através de uma narrativa. Um dos meus objetivos foi trabalhar o uso do travessão nos diálogos, já que as crianças apresentavam grande dificuldade em utilizá-lo. Durante a produção, muitos me chamavam perguntando a respeito da grafia de algumas palavras e até mesmo de pontuação. Muitas crianças que não conseguiam entender o uso do travessão passaram a utilizá-lo corretamente.

Após a atividade, as crianças expuseram a HQ e cada um leu sua história. Pude perceber que a exposição lhes trazia prazer. Eles esforçavam-se para fazer bem a atividade a fim de expor aos seus colegas. Os textos seriam questionados, elogiados e por isso fazia sentido produzi-los da melhor forma possível.

Neste contexto, as crianças tinham a oportunidade de trocar informações, de interagir com os colegas, de divulgar seus trabalhos.

6ª aula:

Quando apresentei às crianças as tiras em quadrinhos, percebi que muitos não compreendiam plenamente o significado dos diversos tipos de balões que aparecem e que são essenciais para levar ao leitor o significado da informação de cada quadrinho.

Diante disso, achei relevante trabalhar o significado dos balõezinhos. Dessa forma, fui lhes apresentando cada tipo e questionando a classe sobre seus significados. Quando nenhuma criança sabia, eu dizia o significado.

Depois disso, solicitei aos alunos que inventassem uma personagem e escrevessem uma história em quadrinhos, eles poderiam, também utilizar-se de personagens já existentes e inventar uma historinha. Percebi que eles queriam utilizar-se do maior número possível de balões.

Um dos pontos positivos dessa proposta, eu acredito que foi a forma como foi discutida a linguagem dos balões. Parti do que as crianças já sabiam (e sabiam muito!) sobre a linguagem dos quadrinhos. Além disso, eles já tinham tomado contato com HQs reais, ou seja, eu já havia lhes apresentado modelos para que eles pudessem obter informações a respeito deste tipo de texto.

Após a atividade, corriji uma a uma as atividades e eles foram refazendo o que deveriam alterar.

Ao término do trabalho, fizemos a exposição das historinhas no mural do corredor. No recreio, as crianças chamavam os colegas de outras classes para verem seu trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo do presente trabalho, pudemos observar o quanto é importante a atuação do professor no processo de produção de textos dos alunos, uma vez que é através das situações criadas pelo educador que o aluno encontrará condições para se tornar um usuário da língua escrita.

Vimos que a produção de textos na escola ainda é vista como um fim em si mesmo, com um único objetivo da avaliação. Dessa forma, o escrever torna-se uma obrigação, mais uma tarefa escolar a ser cumprida.

Nosso estudo ainda evidencia a ausência da participação efetiva do educador no processo, pois o que encontramos foi simplesmente a proposta da atividade e a atribuição de uma nota. O momento da produção de textos chega a ser um momento de descanso do professor, onde ele "manda" que todos os alunos se calem e escrevam, enquanto ele conversa ou corrige provas. Neste contexto, os alunos não ficam sabendo em quê devem melhorar, não tendo a chance de crescer enquanto escritores.

Através deste estágio realizado no ano de 1997, pude notar que o escrever pode ser algo muito prazeroso mas que isso vai depender da atuação do professor, da forma como ele vai propor suas atividades. Somente lançar temas estáticos leva o aluno a escrever por escrever e o fato de não divulgar suas produções entre os colegas e professores da escola faz com que seus textos não tenham finalidade.

Quando o texto é lido por outras pessoas, pode ter outras interpretações e, desta forma, o aluno percebe que um texto pode ter várias leituras e que as idéias do seu texto podem ser diferentes das de seus colegas, encontrando a existência de vários pontos de vista.

Meu objetivo central neste trabalho é entender o papel do professor durante o processo de produção de textos e porque muitas vezes as crianças apresentam desinteresse pela atividade.

Neste sentido, pude perceber que a produção de textos torna-se prazerosa e interessante na medida em que a proposta da atividade é significativa para o aluno e ele só cresce enquanto escritor se for orientado ao longo do processo de produção de textos.

Dessa forma, o educador deve exercer o papel de orientador, levando o aluno a aperfeiçoar-se enquanto usuário da língua escrita, não simplesmente avaliando o texto pronto e atribuindo uma nota, mas auxiliando-o em cada etapa de sua produção.

Acredito que podemos, enquanto educadores, construir com as crianças um saber que proporcione prazer, como pude constatar nas experiências relatadas neste trabalho, e é somente a partir deste prazer que a criança “crescerá” enquanto usuária da língua escrita.

Bibliografia

EVANGELISTA, Olinda. **Devem os alunos escrever?** In BIANCHETTI, Lucídio (org.) Trama & Texto: Leitura Crítica, escrita criativa. Vol.1. São Paulo: Plexus, 1996.

GERALDI, João Wanderley (org.) **O Texto na Sala de Aula: Leitura e Produção.** Cascavel, Assoeste, 1984.

JANTSCH, Ari Paulo. **Concepção Dialética de Escrita-Leitura.** In BIANCHETTI, Lucídio (org.) Trama & texto: Leitura Crítica, escrita criativa. Vol.1. São Paulo: Plexus, 1996.

KLEIM, Lígia Regina. **Alfabetização: Quem tem medo de ensinar?** São Paulo: Cortez, 1996.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meireles. **Leitura, Produção de Textos e a Escola: Reflexões sobre o processo de letramento.** Campinas: Mercado de Letras. Ed. Autores Associados, 1994.

MORAIS, Artur Gomes. **Escrever como deve ser.** In: TEBEROSKY & TOLCHINSKY. Além da Alfabetização. São Paulo: Ática,1995.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Ler e Escrever, um grande prazer!** São Paulo: SE/CENP, 1992.

SNYDERS, Georges. **Alunos Felizes: Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários.** Trad. Cátia Ainda Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1993.

SOARES, Magda B. **Linguagem e Escola: Uma perspectiva Social.** São Paulo, Ática,1989.

ANEXOS

Os Pegadas

Um moço foi tomar banho e esqueceu de lavar os pés.

Ele saiu andando deixando pegadas. Ele pegou uma roupa e vestiu, tomou café, escutou uma música, começou a dançar, pegou o chapéu, ele jogou a bola que quebrou o vidro.

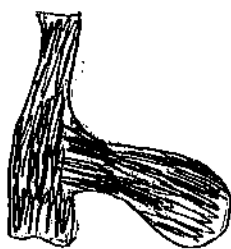
Saindo da casa dele, pegou uma maçã do pé, jogou a maçã no lixo.

Foi a floricultura comprar algumas flores, para dar a uma senhora.

Encontrou um cachorro que levou até a casinha dele.

Foi a bicicletaria comprar uma bicicleta, saiu andando e bateu a bicicleta no palhaço e quebrou toda a bicicleta, e voltou a tomar o banho, lavou os pés.

Ele é só uma pessoa que não lavou os pés.



título: O trabalhador

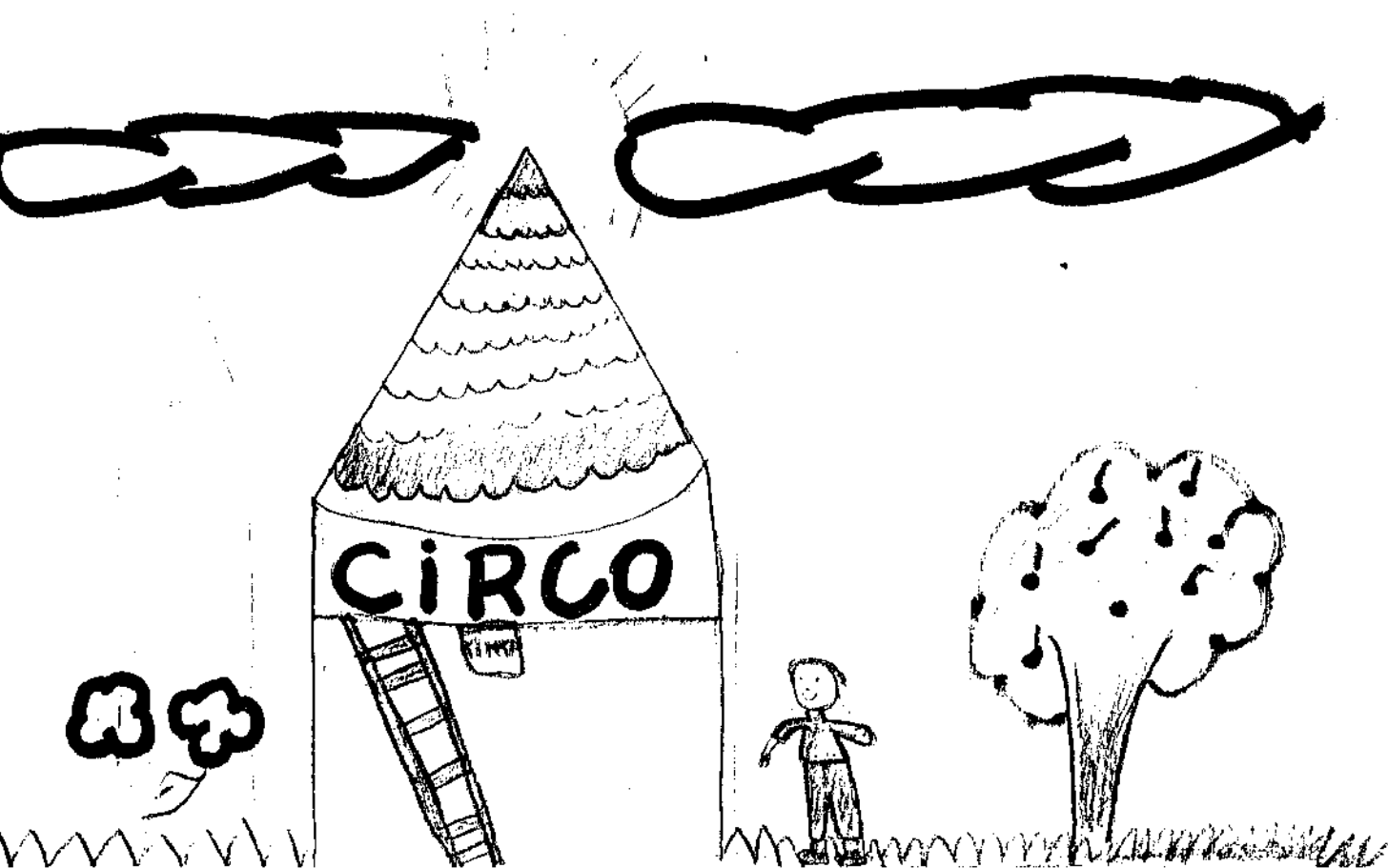
João era um homem trabalhador,
acordava cedo, tomava banho
tracava de roupa, tomava café
da manhã e ia trabalhar.

Ele viu uma pé de maçã e
pegou uma maçã.

João viu uma floricultura
e comprou um vaso para sua
mãe. Ele foi na casa de sua
mãe entregar o vaso de flores.

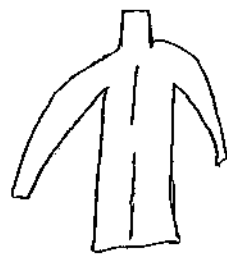
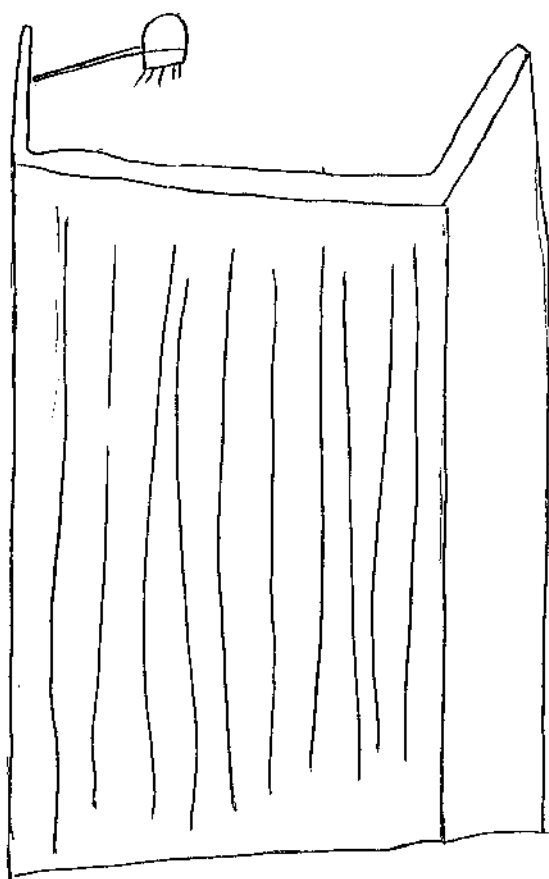
Um cachorro lhe acompa-
nhou, e depois entrou na sua casa.

João trabalhava de pintor
e foi pintar o circo.



Ida e não volta

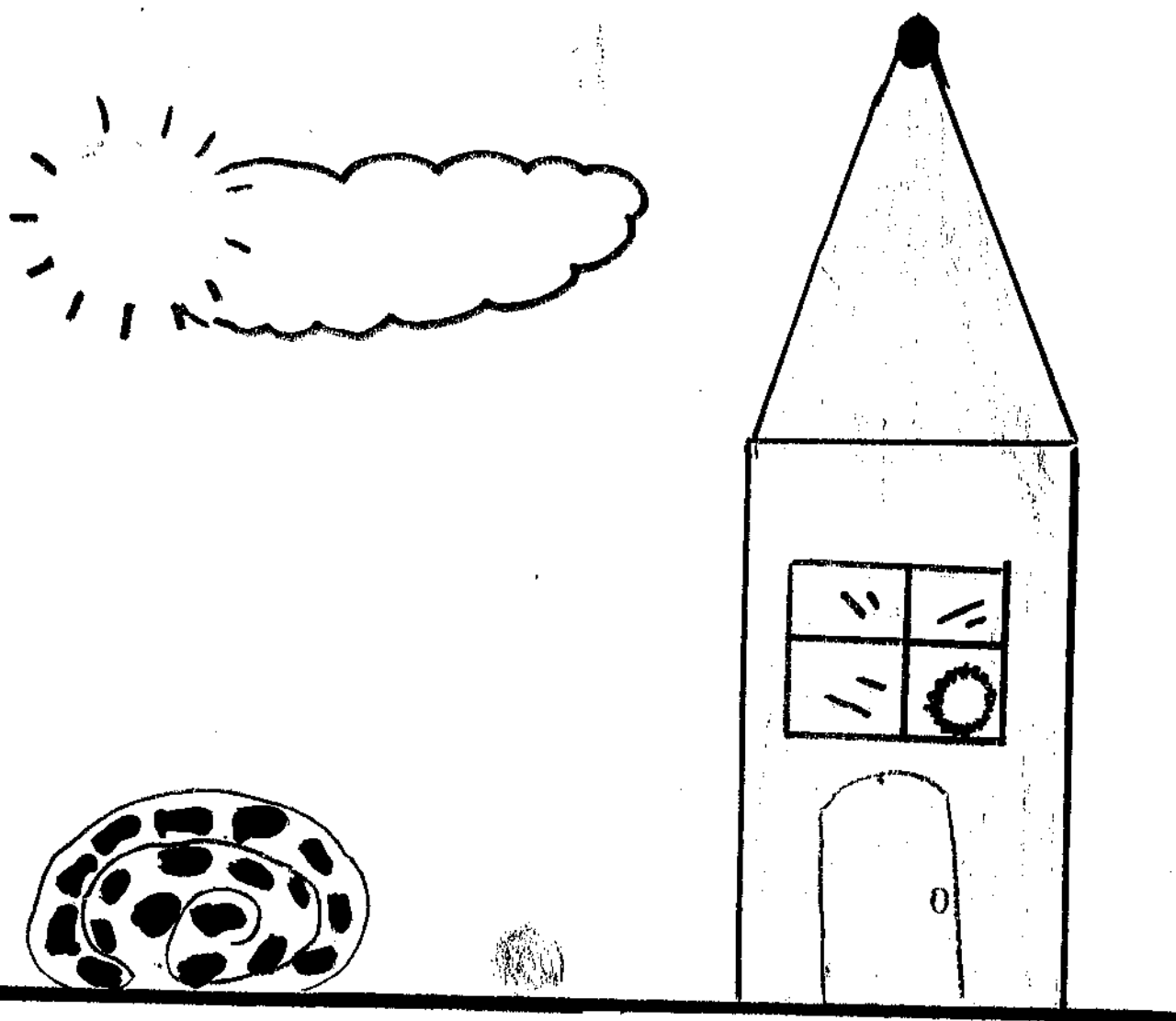
claindo de um chuveiro o atleta
começa a sua jornada de sempre,
sai do chuveiro toma café, dança,
troca de roupa como uma maçã
se encontra com um cachorro,
compra uma flor, entrega para
a velha sogra bola amda de bicicleta
atropela o pintor, suja de tinta e toma banho



Título: O Pintor

— Aquela homem era um pintor, ele acordava de manhã, tomava banho e dançava.

— Aquela homem se chamava João, ele chutou a bola na janela e quebrou o vidro da moça, comprou um vaso de flor e deu para a velhinha, comprou uma bicicleta e saiu correndo pelas ruas e depois escreveu circo na parede.



O homem que deixa pegadas

Era uma vez um homem que deixava pegadas. E onde ele passava, deixava pegadas, ele ia tomar banho e deixou pegadas, ele foi tomar café, deixou pegadas de novo. Mas ninguém sabe quem é essa pessoa.

E ele se vestiu de marinheiro, deixou pegadas, se vestiu de investigador, deixou pegadas, foi se trocar de super homem, deixou pegadas de novo, foi arrumar sua bicicleta, foi desatar o morro e ele, foi parar do outro lado. É a bicicleta arco

O Palhaço volta

O homem é um palhaço que anda com as pernas de pau. E ele se chama Benedito, ele foi a uma floricultura para comprar uns vasos de flores para dar para a mãe dele, que é uma velhinha que anda com uma muleta.

E o palhaço pôs uma moça da amore da casa dele para comer, o resto da moça ele jogou no lixo, porque ele é muito educado, o palhaço estava andando de bicicleta e ele caiu.

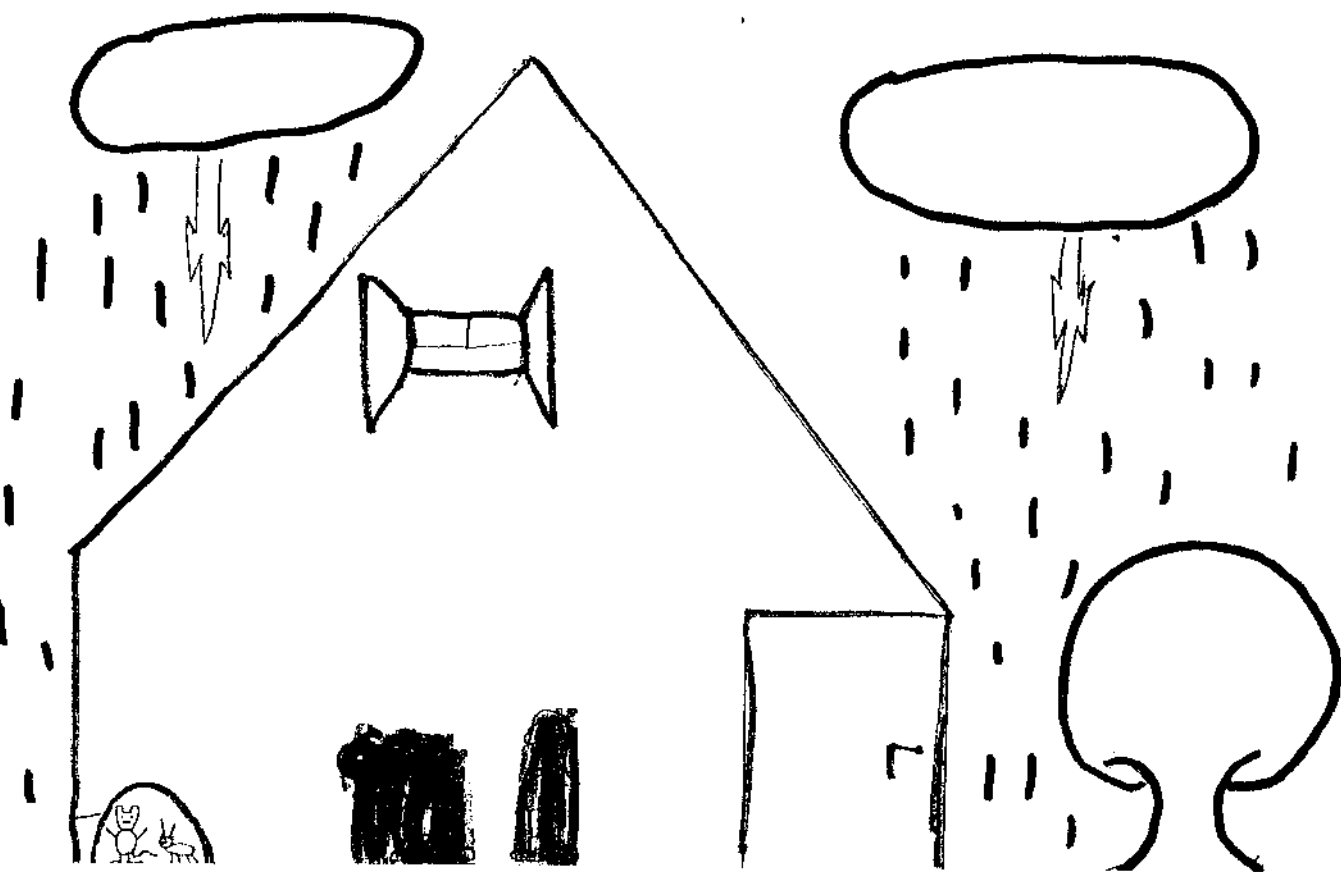
O palhaço estava brincando com uma bola e jogou no vidro do nitô e quebrou um vidro grande do nitô.

No quarto do palhaço, dentro do guarda-roupa tinha gravata, terno e muito mais. O palhaço toma café, ele também toma leite.

O detetive

Um dia um detetive foi chamado na casa de uma mulher porque ela estava com medo de ratos e baratas, que tinha na casa.

E o detetive foi na casa da mulher e eles ficaram procurando os ratos e as baratas.



Ida e volta

Era uma vez um homem foi obter uma roupa para ele ir trabalhar.

E a mulher foi junto para escolher a roupa para ele.
E depois ele foi tomar café.

E depois foi dançar, foi pegar um chapéu, e saiu para trabalhar e encontrou uma maçã no chão.

Lá ele acabou de comer a maçã e ele jogou no lixo.
Depois ele foi na floricultura para comprar uma flor para uma velhinha.

E ele passou perto do circo e falou:

— Oi, palhaço.

E o homem falou:

— Quero trabalhar no circo.

O palhaço respondeu: Vá comprar uma bicicleta para você.

Lá um dia ele estava andando de bicicleta e tomou um
pintor e se melecou de tinta e ele foi tomar banho.

Ida e Volta

O palhaço saiu do banho, foi para o guarda-roupa, e colocou uma camiseta e o seu tênis, foi para a mesa tomar café, e ele estava dançando pegou o seu chapéu, pegou uma maçã e comeu ela e jogou a maçã no lixo, seguiu o cachorro e fez xixi no poste, foi com o cachorro até a casa do cachorro, foi na floricultura e comprou uma flor para uma menina, foi ver o palhaço, quebrou a vidraça da mulher, foi a bicicletaria pegar a sua bicicleta e desceu uma ladeira, foi para o circo e trocou.

Ele acorda cedo toma banho, veste roupa de detetive, toma café, rouba uma maçã, e come, e joga no lixo compra uma flor e dá para uma amiga e seu cachorro corre atrás dele e um garoto também eles entram na casa deles e ele vê o varredor, joga bola, quebra o vidro e sai correndo, pega uma bicicleta e sai correndo com ela e bate numa escada e perde o sapato



Vinhedo, 1 de setembro de 1997

Caro Pedro;

O que você está fazendo com
sua irmã Joana, eu sei que seus amigos
não têm medo de você.

Eu sei que você queria fazer o que
ela faz, então ela queria também fazer
o que você faz.

Um abraço de seu amigo Tiago

Vinhedo, 1 de setembro de 1997

Caro Setúbal

Meu amigo Setúbal, você não devia ser assim com seus filhos

Você devia deixar sua filha fazer o que ela queria fazer

Chestar Lampinha, bola, e o Pedro também se ele queria chorar, chorasse.

Seu amigo: Hugo

Vinhedo, 1 de setembro de 1937

Cara Joana,

Não deixa seu irmão falar o que você deve fazer porque você é uma menina e sabe o que deve fazer, e o que não deve, então fala para ele que te deixar cuidar de sua vida quieto.

De seu amigo
de hoje e sempre
Denise

Lombado, 1 de setembro de 1894.

Para: Pedro

Você não pode obrigar Joana a fazer coisa de moleque, você tem que deixar Joana realizar seus direitos.

Joana quer fazer coisa de menina, tem que ajudar tua mãe, tem que brincar com menina, não brincar com os moleques igual a você. Por favor, deixe os direitos de Joana se realizarem.

Obrigado
de sua
amiga

"
Lamanta"

Linhaço, 1 de setembro de 1997.

Caro: Sekúbal

Eu sou amiga de sua filha Joana e ela me contou como você a trata. Você não devia tratá-la assim, porque os direitos de todos, são iguais. O direito de se vestir como quiser, andar como quiser, fazer o que quiser. É por que também nós não estamos mais no tempo passado que mulher e homem não podiam andar juntos, se o senhor dá uma olhadinha arruador de tudo que acontece, vai perceber que muita coisa mudou. Não aceite esta carta como um cartão mas como um conselho de uma grande amiga de sua filha. Bom, vou me despedir, um grande abraço e na Joana também.

assinado: Joamice e não esquece de um abraço na Joana.

Unheda, 1 de Setembro de 1997.

Cara Joana,

Eu estou escrevendo
para dizer que o que você
está fazendo está muito
certo e fala para o seu
irmão que ele que está
equivocado, que todo mundo
tem o seu direito.

De seu amigo.

Anderson



Cebolinha e Mônica

Tudo começa num belo dia.

A Mônica quis sair com Cebolinha.

O Cebolinha aceitou ela foi na casa do Cebolinha
ela estava muito apaisconada

E quando ela chegou na casa do Cebolinha
ele estava se arrumando, ele estava com vergonha.



A Briga

Meu cachorro Bidu, um dia ele estava dormindo, quando viu um gato no muro.
 Ele começou a latir e o gato ficou muito assustado mas ele ficou com coragem e desceu até lá embaixo e falou assim: para o Bidu: ver se tem coragem namoradiga, ou você está com medo. Bidu falou para o gato: — não estou com medo de você! e aí o gato falou: — bem agora, eu estou preparado, Bidu ficou com medo e o gato subiu no muro.



O robô Frankis Tim

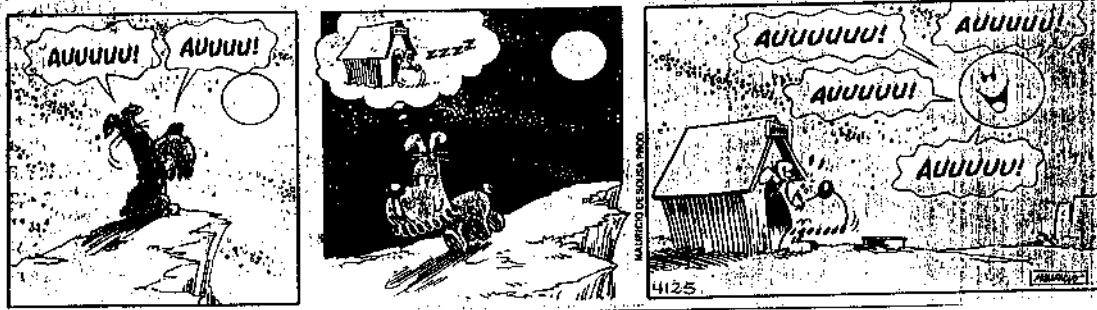
O senhor Dino, estava viajando com um robô quando foi chamado o senhor Marlon Brando para o seu. Ele ficou muito assustado quando viu que o senhor Dino se interessou por cirurgia plástica. Eles colocaram o nome de Frankis Tim e assim termina o robô, Frankis Tim.

Boa corinheira

TURMA DA MÔNICA/Maurício de Sousa



A bruxa ia fazer uma sopa e colocou um morcego e o morcego virou vampiro e ainda o vampiro não gostou da sopa e a bruxa se magoou tanto que começou a chorar mas ela ficou contentes que ela agora tinha um morcego pra ela e ela o adotou no que um dia ele foi embora e pra comemorar porque ela já estava de saco cheio e fez uma sopa de morcego e o morcego virou vampiro e disse meio sem sal e ela disse tenho que consertar o livro de culinária.



O cachorro que foi ver a lua

Era uma vez que o Bidu saiu de sua casa e foi no alto da montanha e ficou olhando a lua feliz, ele começou a latir e quando se cansou foi para sua casinha, ele estava dormindo sossegado quando a lua acordou ele, a lua ficou olhando com a aquela cara de ruim o Bidu ficou muito estranho olhando para a lua, e quando a lua foi ele deixou e dormiu.



O amor é lindo

Bidu estava passeando pela cidade e viu uma cachorrinha linda.

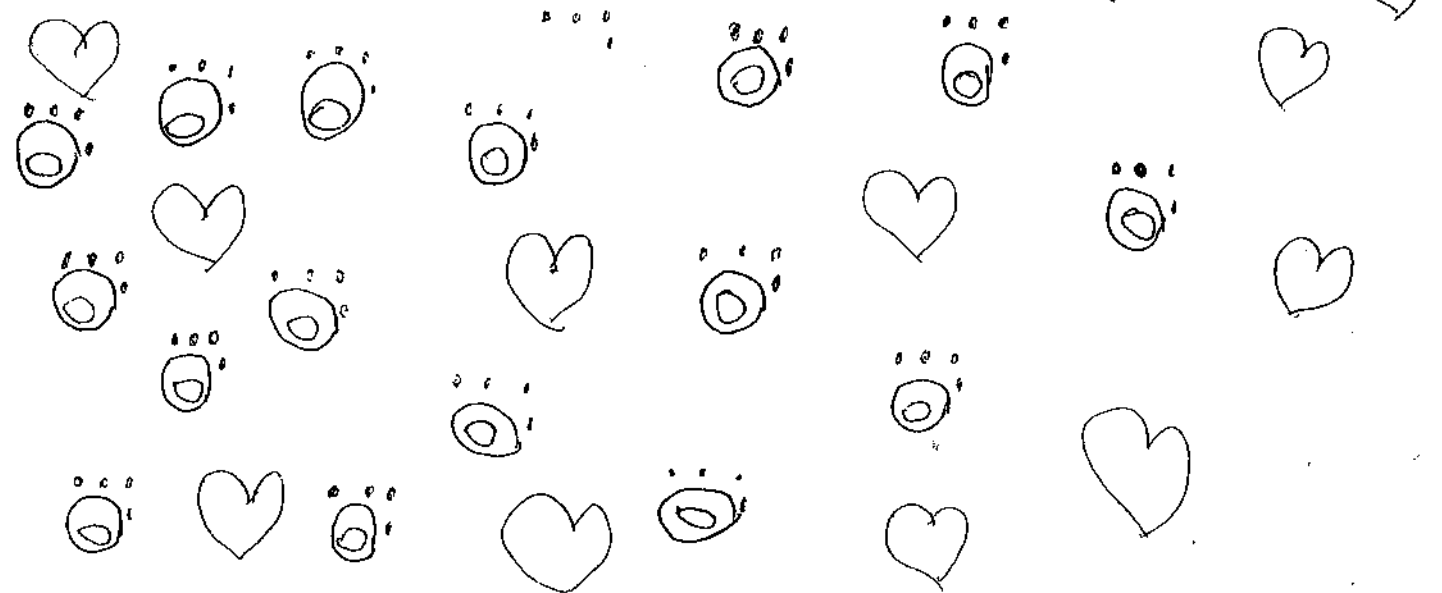
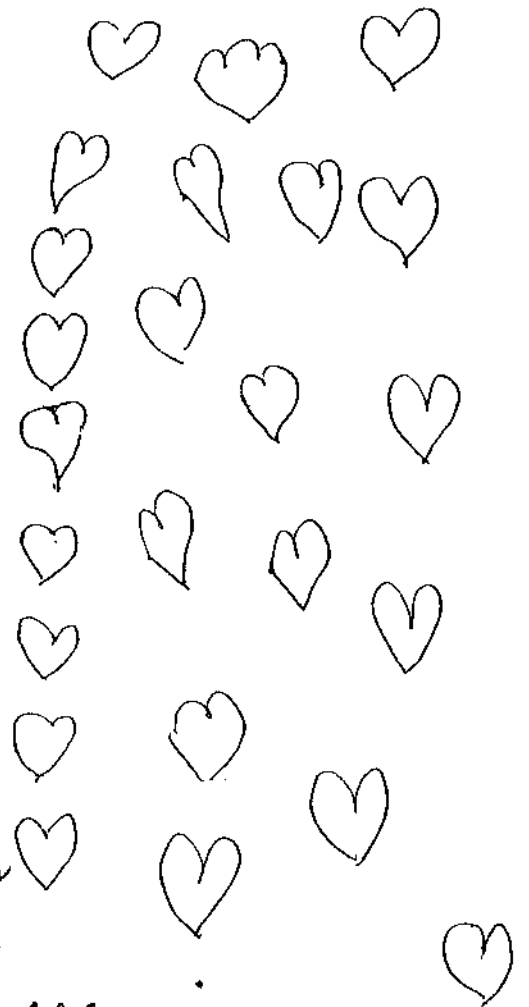
Ele ficou em encantado porque ela era muito bonita.

Bidu chamou a cachorrinha para ela ir jantar com ele.

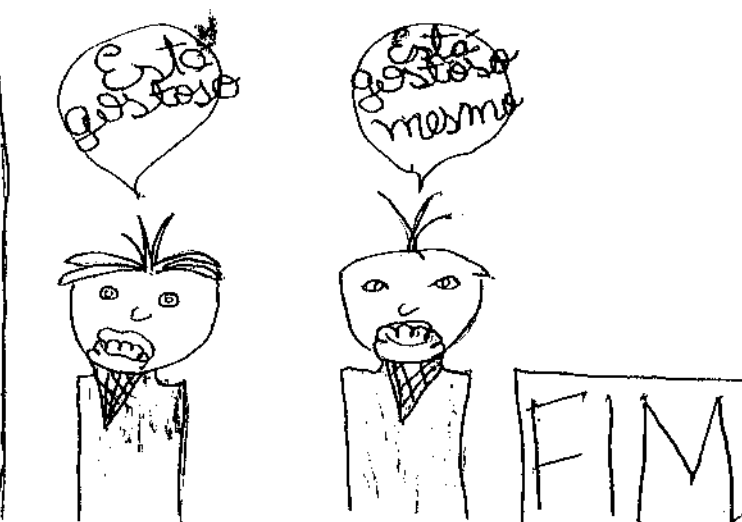
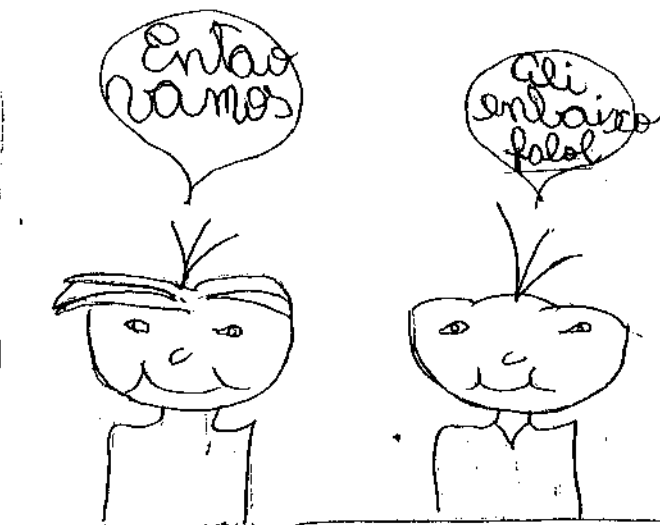
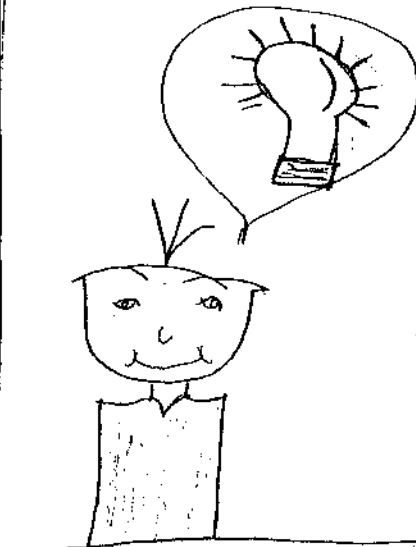
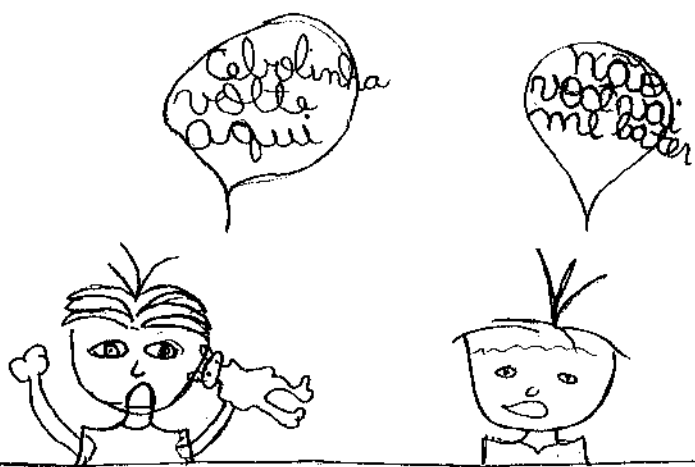
E a cachorrinha foi jantar e ela levou o namorado dela junto.

E Bidu ficou muito chateado.

Mas no fim eles ficaram namorados.



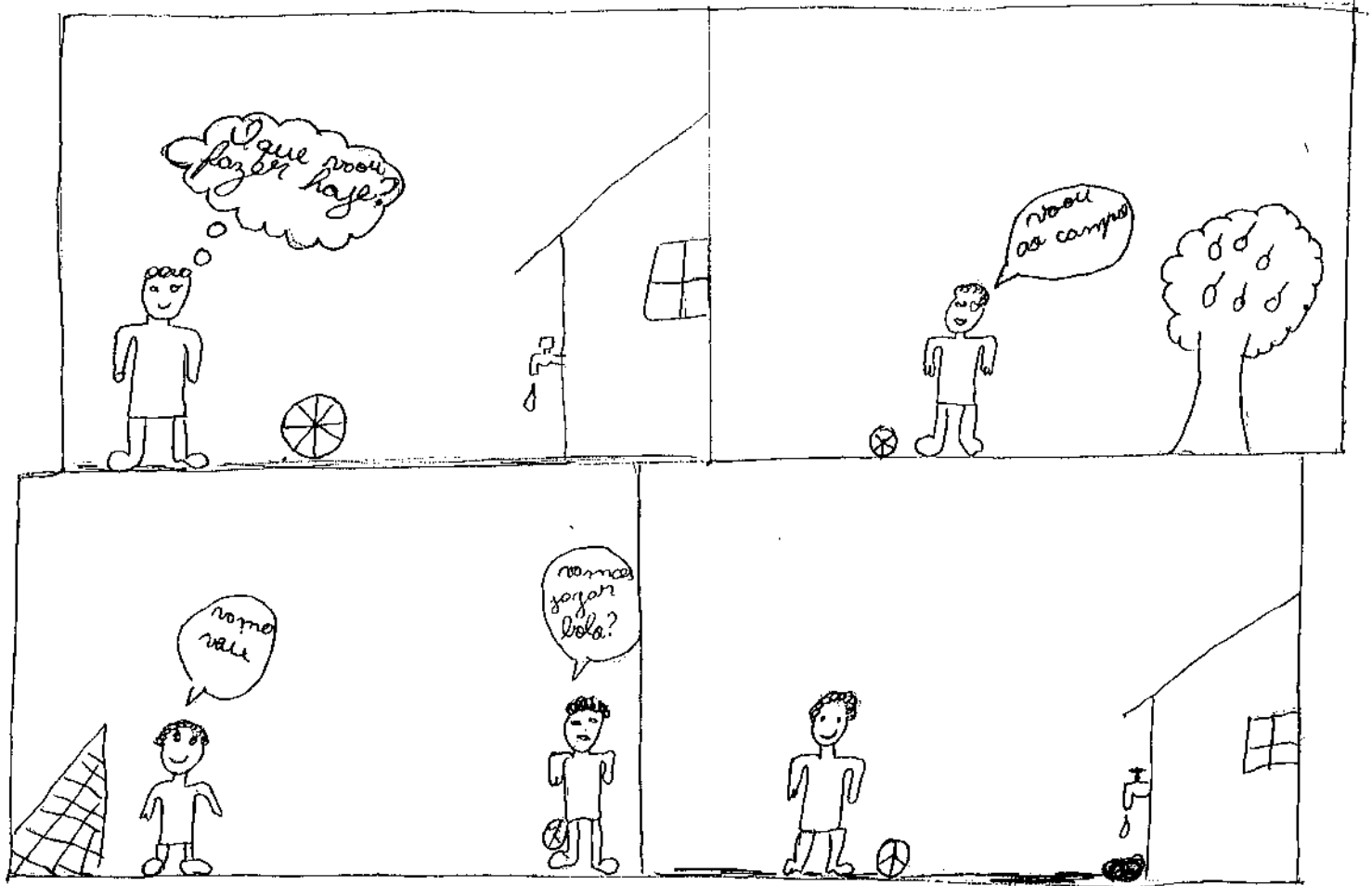
Mônica e Cebolinha Esbregento



ZOO DISNEY



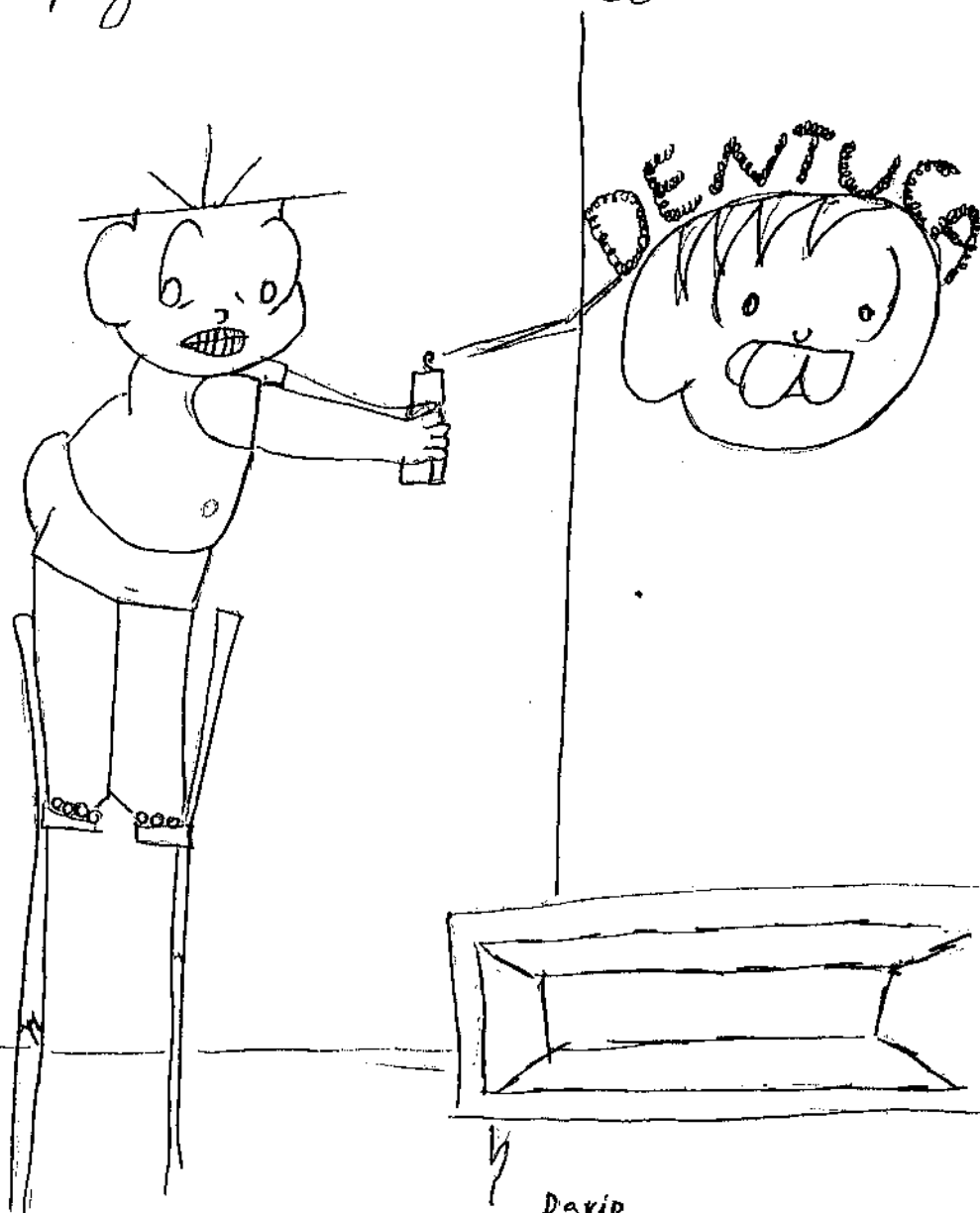
O jogo



CEBOLINHO

em O grande fugaõ

Tudo começou quando Cebolinha resolveu gozar com a Mônica, ela ficou louca quando descobriu que Cebolinha tinha pisado o seu dente no muro e ela foi atrás do Cebolinha e o Cebolinha disse - Que está acontecendo Mônica? e o muro não foi eu - Foi sim e ainda tinha uma pedra no chão e a Mônica saiu e o Cebolinha fugiu dando risada a Mônica começou a chorar Buá! Buá! B.B. eu ainda te pego, seu sebolão.



Mônica em O Pimentão

Mônica estava sentada no banco da Praça, quando o cebolinha chegou e cumprimentou a mônica. Ela mônica como você está Vermelha Huef, é que eu fui na praia, a bom.

Cite que você está bonitinho, parece um pimentão alibme-
lhado, o que você disse cebolinha não é fixa. Não não mônica.

E mônica sai e atira de cebolinha com seu cachorro. Gança o Cite que a mônica atropessou e caiu e começou a chorar mas cebolinha carcou poro não ajudou sua amiga mônica la com reacabou.

O fugitivo

Um dia Cebolinha estava pichando o muro da casa de Mônica e a Mônica apareceu.

Cebolinha falou:

- Mônica vai ficar tão brava que vai dar um bicho:

- Cebolinha, o que você está fazendo.

- Eu estou pichando o muro de sua casa.

- Soco, alguém me ajuda para

Mônica por favor porque você pichou o muro de minha casa.

E aí Mônica não parava de correr atrás de Cebolinha

é te que fim com segui bate no Cebolinha

Mas Mônica voltou chorando para casa porque ela bateu muito no Cebolinha.